Lídia Fernandes

VIAGEM AO PASSADO ROMANO NA LVSITÂNIA

Prefácio de
José d'Encarnação

a esfera dos livros

A Esfera dos Livros
Rua Barata Salgueiro, n.º 30, 1.º esq.
1269-056 Lisboa – Portugal
Tel. 213 404 060
Fax 213 404 069
www.esferadoslivros.pt

Distribuidora de Livros Bertrand, Lda.
Rua Professor Jorge da Silva Horta, n.º 1
1500-499 Lisboa
Tel. 21 762 60 00 (geral) / 21 762 61 96
Fax 21 760 95 92
distribuidora@bertrand.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Lídia Fernandes, 2016
© A Esfera dos Livros, 2016
A Autora escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico

1.ª edição: Junho de 2016

Capa: Ideias com Peso
Imagem da capa: AKG/Fotobanco

Paginação: Segundo Capítulo
Revisão: João Carlos Alvim
Impressão e acabamento: Publito

Depósito legal n.º 410 532/16
ISBN 978-989-626-764-3

ÍNDICE

PREFÁCIO I
PRÓLOGO 13

I – A LUSITÂNIA 17
I.I – A criação do conceito de Lusitânia 19
I.II – E tantos Viriatos houve 22
I.III – Lusitânia 27
I.IV – A língua lusitana 38

II – AS TORRES PERDIDAS 49
II.I – A cadela *Cobelca* 51
II.II – Uma torre no horizonte 52

III – HABITAR A PROVÍNCIA 63
III.I – O voto de Lúcio Cecílio 65
III.II – Uma só torre para tantas ideias 72
III. III – Quinta da Fórnea: o descanso no campo 77
III.III.I – Habitar uma *villa* romana 77
III.IV – Mausoléus para o descanso eterno... 85

IV – POR TERRAS DE BOBADELA: A ESPLÊNDIDA TERRA A NÃO ESQUECER 91
IV.I – Um caminho penoso esquecido por todos 93
IV.II – Bobadela, a *Splendidissima*. 97
IV.III – Um acampamento militar romano junto ao rio Alva 117
IV.IV – Entre a *Splendidissima civitas* e os militares romanos de Secarias: um templo romano? 122

V – EGITÂNIA, A ESQUECIDA 131
V.I – Um relógio oferecido a Idanha-a-Velha em época romana 133
V.II – A passagem do tempo e a sua contagem... 139

V.III – Quintila, a criança adorada 141
V.IV – A *Civitas Egitaniense* 148
V.V – Deus e deuses 159
V.VI – *Caius Cantius Modestinus:* o construtor de templos. 160

VI – PONTE DE ALCÂNTARA: A PONTE. 167
VI.I – Uma ponte por vontade dos povos 169
VI.II – Um arquitecto famoso! 179
VI.III – Pedra por pedra. 182

VII – NAS PROXIMIDADES DA BATALHA: TUDO O QUE FOI. 187
VII.I – Um magistrado para a eternidade na cidade de *Collipo* 189
VII.II – A cidade de *Collipo* 192

VIII – *AUGUSTA EMERITA*: UMA CAPITAL PARA SEMPRE 205
VIII.I – A colónia de *Augusta Emerita*: uma recompensa merecida 207
VIII.II – O triunfo do granito na capital de uma província 213
VIII.III – Onde 30 000 espectadores gritam 221
VIII.IV – Diocles, o maior dos maiores. 226
VIII.V – O reino dos mortos: as necrópoles de *Augusta Emerita* 227
VIII.VI – Valeria e o seu ilustre filho 229

IX – MEDELLÍN: UMA JÓIA ESCONDIDA 233
IX.I – Medellín, a esquecida 235
IX.II – *Quintus Caecilius Metellus Pius* 236
IX.III – Um teatro sobre a planície 238

X – LISBOA, PARA SEMPRE *OLISIPO* 243
X.I – A cidade de *Felicitas Iulia Olisipo* 245
X.II – As éguas que emprenham pelo vento 247
X.III – Antes da cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*: um local de longa história . 249
X.IV – O Teatro de *Olisipo*. 254
X.IV.I – A descoberta do teatro: uma história de desavenças 258
X.IV.II – Semideuses embriagados que davam as boas-vindas. 264
X.V – *Caius Heius Primus*, um benfeitor novo-rico em *Olisipo* 267
X.VI – E se fôssemos ao teatro? 271
X.VI.I – E como escolheríamos a vestimenta? 273
X.VI.II – Os fatos dos actores: um mundo de códigos 276
X.VI.III – A caminho do teatro 279
X.VI.IV – As *sparsiones* 287
X.VII – Tipos de *ludi* 287
X.VIII – As termas de *Olisipo* 288
X.IX – O criptopórtico 294

X.X – O *garum* 300
X.XI – O circo 302

XI – ALCÁCER: A CIDADE DOS GOLFINHOS 307
XI.I – Um borrego em *Salacia* 309
XI.II – *Salacia Urbs Imperatoria*. 314
XI.III – Um roubo trágico em Salácia. 325
XI.IV – Quase um sinal de trânsito... 328

XII – POR TERRAS DO SUL: AS PLANÍCIES QUE ESCONDEM SEGREDOS . . 331
XII.I – Uma Agripina sem cabeça e uma cabeça sem corpo 333

XIII – BEJA: A CIDADE BRANCA E BELA. 345
XIII.I – Os capitéis de Beja: o pouco que resta do muito 347
XIII.II – Morrer em Beja com vinte anos. 351
XIII.III – A cidade de *Pax Iulia* 353
XIII.IV – Afinal... quem eram os pacensis? 361
XIII.V – Em redor de *Pax Iulia* 361
XIII.VI – Laberia: a mulher que morreu com 42 anos 372

XIV – MILREU. 383
XIV.I – Requintes de sofisticação 387
XIV.II – A *Domina*. 389
XIV.III – Como as pedras nos falam 398

XV – *OSSONOBA*: TÃO LONGE E TÃO PRÓXIMO DE ROMA 405
XV.I – *Ossonoba*, a capital do Sul. 407
XV.II – Escravos sacerdotes 408

XVI – BALSA: A CIDADE PERDIDA 413
XVI.I – *Annius Primitivus*: o balsense que gostava de combates. 418
XVI.II – E um final tão pouco feliz 425

NOTAS 427
BIBLIOGRAFIA 459

PREFÁCIO

Viagem d'outros olhares…

José D'Encarnação

Lídia Fernandes, arqueóloga responsável pelo Teatro Romano de Lisboa, interessou-se por capitéis romanos. Estudo árido, à primeira vista, sem elementos capazes de atrair atenção. Não eram todos iguais, obedecendo aos mesmos modelos, quer se destinassem a coluna de templo ou à do peristilo de sumptuosa *villa*? Ainda se nos deslocássemos alguns séculos adiante, para a época do misterioso românico, em que não era raro cada capitel esconder uma história ou ilustrar passo doutra!… Mas… romanos?!...

O certo é que o estudo a apaixonou – e prova do êxito são os textos com que nos tem brindado.

Teve outra consequência a pesquisa: a volúpia de se pôr a caminho sempre que, de remota plaga que fosse, alguém lhe acenasse «Temos aqui uns capitéis!...». Deixava, então, num fim-de-semana ou em período de férias, o seu amado teatro a sonhar com os aplausos d'antanho e metia-se a caminho. Guiava-a não apenas o olhar da arqueóloga – que não hesitava, aliás, num desvio para visitar ruínas de que houvera conhecimento – mas também a da verdadeira historiadora, consciente de que não está o Passado desgarrado do Presente. Palmilhou, pois, de lés a lés, o território nacional, deu uma entradita em Espanha (que também era Lusitânia há dois mil anos!...) e foi retratando, pela imagem e pela escrita, sítios, pessoas, enquadramentos paisagísticos…

O ressuscitar do *Guia de Portugal* das primeiras décadas do século XX? Não, porque nesse havia como objectivo orientar o turismo automóvel, a dar então os primeiros passos. Viagem pelo Portugal profundo, a sentir-lhe a alma, ao jeito de Saramago? Também não – porque, neste, a beleza das pessoas e das paisagens assume-se fundamental, a realçar o que há de genuíno nos fraguedos de Monsanto da Beira ou nos palheiros da Praia

de Mira. Nesse caso, será um «Portugal romano» (passe o anacronismo da singela expressão), que, já no derradeiro quartel do século XX, Jorge de Alarcão haveria de plasmar, minuciosamente localizando os sítios romanos identificados, com a indicação, mui sintética mas elucidativa, das suas características e correspondente bibliografia? Também não, até porque, apesar de datar de 1988, essa ingente tarefa assume-se, ainda hoje, imprescindível manancial de referência.

Que pretendeu, então, Lídia Fernandes com esta *Viagem ao Passado Romano na Lusitânia,* correndo sério risco de nada trazer de novo e poder, até, vir a ser acusada de ter copiado daqui e dali, ajuntado tudo bem arrumadinho e… meus senhores, aqui vai a sugerida viagem?!

Tivemos, nos finais do século XIX e 1.ª metade do século XX, um outro viajante inveterado: José Leite de Vasconcelos. Sempre que lhe chegasse nova de escultura estranha, desconhecidas ruínas, pedra com letras indecifráveis – ele aí abalava, de plano gizado, a recordar Cornide e outros estudiosos de séculos anteriores. E é aqui que eu vejo um paralelismo com o objectivo assumido por Lídia Fernandes: não abalou, de propósito, em demanda de novidades, mas sim do que já conhecia dos livros, da experiência adquirida e das memórias que sempre lhe foram chegando.

Não hesitava Leite de Vasconcelos a dar pormenores das viagens: horas de caminho, paragens, pessoas com quem entabulava conversa. E esses seus escritos, meticulosamente passados para a sua revista *O Arqueólogo Português,* são por nós amiúde visitados para saber pormenores do achamento de determinada peça do seu museu, quem lha ofereceu ou vendeu, onde lhe disseram que a haviam encontrado… Frequentemente negociava logo a retirada do monumento (mormente se inscrito) para a vasta colecção do Museu Etnológico Português. E considerava logo negócio fechado, como aconteceu com aquela cupa de S. Margarida do Sado, que, embutida no cunhal da ermida, o Povo depois a não deixou tirar, e nós, no pátio do Museu Nacional de Arqueologia, a vasculhar tudo em busca dela… que se mantinha, sossegada, no sítio onde Leite de Vasconcelos a lograra identificar!…

Confesso que não ousei perguntar a Lídia Fernandes donde lhe surgira esta ideia. Das viagens de Leite de Vasconcelos amplamente descritas n'*O Arqueólogo Português* poderia ter sido. O certo é que esta sua viagem vem necessariamente acompanhada de uma imprescindível sugestão: terá de ser viagem com outros olhares e para gente que tudo queira bisbilhotar.

Dá-se uma leitura pelo índice e, de imediato, os títulos nos despertam curiosidade. Ficamos logo a saber que, pelo meio, haverá… histórias! É que Lídia Fernandes não se contenta com a airosa descrição de um sítio e a síntese dos resultados obtidos pelas investigações mais recentes: discute-as, mostra os argumentos duns e doutros. E, se nunca resiste a dar minuciosa olhadela

aos capitéis, não hesita, a pretexto, por exemplo, do depósito votivo de Santa Bárbara de Padrões, de explicitar tecnicamente as partes de que uma lucerna se compõe. Para mim – pois não é preciso dizer que o seu «mais-que-tudo» teatro romano lhe merece atenção mui especial e pormenorizada – para mim, Lídia Fernandes mostra, por exemplo, toda a sua originalidade, quando entra na sedutora *villa* de Milreu, em Estói. Já quando trata do teatro, o seu pendor feminino não hesitou em deliciar-nos com a descrição do que trajavam espectadores, da originalidade do guarda-roupa teatral; aqui, porém, em Milreu, a Autora deixou-se levar pela fantasia que desses mosaicos e dessa paisagem algarvia se desprende e envergou, de bom grado, as vestes de *Domina*. Aqui para nós, a sedução foi tanta que, a determinado momento, ficamos na dúvida: é ela a *Senhora* que, logo a seguir, garante não esquecer os seus deveres de patrícia ou a «visita» a que se faz referência linhas antes? Ora leia-se:

«Num assomo inventivo, a *Domina* havia pedido para alguns daqueles capitéis de pilastra terem, na parte superior, esculpidas pequenas máscaras de actores.

«A lembrança viera-lhe à ideia da última vez que estivera em *Olisipo,* na minha *domus* […]. Aí, no belo teatro da minha cidade, […] os cenários em madeira tinham, em desenho, capitéis decorados com máscaras» (p. 397).

Aqui reside, a meu ver, o auspicioso carácter da viagem: é mesmo uma viagem «d'outros olhares»: o da Autora, muito pessoal, pleno dos conhecimentos reflectidamente adquiridos e analisados, serve de aliciante para o olhar do leitor, exposto numa linguagem coloquial, de modo a captar o interesse mesmo de quem de capitéis nada perceba, de *triclinia* ou de *tria nomina* nem por isso, e do culto a Júpiter Óptimo Máximo tenha apenas vaga ideia…

É, nesse caso, roteiro, à imitação do que a revista *Al-madan* recentemente publicou? Não é. Um roteiro a gente leva na bagagem, como os turistas de primórdios do século XX levariam o *Guia de Portugal* de Raul Proença. Poderá levar-se, sim, quando se planear viagem cultural de férias ou de fim-de-semana; mas, primeiro, há de o livro ser saboreado no conchego do lar, a tomar consciência do muito que se tem investigado neste domínio e da enorme riqueza patrimonial por valorizar, susceptível de nos incitar a exclamar amiúde: «Caramba, nunca tinha pensado nisso!» Não é, aliás, inocentemente que o volume termina a comparar Balsa com Palmira:

«Afinal… a barbárie mora aqui tão perto!» – é, mui justamente, a exclamação final (p. 426).

Com Lídia Fernandes, vamos deliciadamente entrar na conversa; conhecer (imagine-se!) a cadela *Cobelca* (olá, Lena Frade!) e tantas outras personagens

que, tal como as pedras, aqui têm lugar de pleno direito e emprestam ao discurso o referido apetecível tom coloquial, que nos prende do princípio ao fim, a ensaiar novos olhares!

Cascais, em Dia de Corpo de Deus de 2016

José d'Encarnação